

**PERFIL NA PENUMBRA: A IMAGEM DE JOSÉ GONÇALVES DE MEDEIROS ATRAVÉS DE SUAS CARTAS**

**José Wilson Pereira de Azevêdo (UFRN)**  
**Derivaldo dos Santos (UFRN)**

**Resumo:** Estudo sobre as cartas que o escritor norte-rio-grandense José Gonçalves Pires de Medeiros (1919-1951) escreveu durante os anos de 1940. A correspondência de José Gonçalves concentra-se no período de 1941 a 1949 e compreende um conjunto de dezessete cartas a cinco diferentes destinatários. Interessa observar, na correspondência de José Gonçalves, aqueles assuntos que o situam diante do contexto histórico e político em que ele viveu e produziu sua obra, pois os autores de textos epistolares, na condição de interlocutores de um destinatário específico, ampliam consideravelmente o protocolo linguístico da *escrita de si* no trato dado a questões de interesse coletivo, uma vez que através de suas inquietações intelectuais passam a registrar, no gênero em causa, seus pensamentos no entorno da cultura em um dado momento da história de seu país, de seu estado ou comunidade. Seguindo essa tendência, as cartas analisadas revelam um perfil pouco conhecido até o momento e, apesar de serem um documento de cunho pessoal e uma forma de testemunho do cotidiano vivido, constituem-se em reserva de força e de conhecimento na apreensão do momento histórico e cultural como contributo eficaz ao entendimento de obra e das inquietações intelectuais referentes ao contexto vivido pelo autor. Desse modo, é válida a assertiva de Angelides (2001, p. 14): “[...] as cartas de um escritor podem ser objeto de fruição estética, embora de caráter bastante peculiar, em que o literário e o extraliterário se alternam”. Trata-se de uma experiência da realidade íntima e coletiva que funciona como um importante instrumento de elucidação da obra realizada. Pensada assim, confere-se à carta uma natureza de documento e de ficção, porque feita de confiança e reflexões, de realidade e invenção artística. Tomada como “espaço autobiográfico”, segundo Lejeune (2008), as cartas analisadas compreendem a psicologia do autor biografado e o seu entorno. Ao gênero estudado, são incorporados dados referenciais, memórias, confidências, perplexidades, visão de mundo, reflexões sobre arte e cultura, a política e a história, o que faz da *escrita de si* um universo de linguagem intersubjetiva, de interações dialógicas.

**Palavras-chave:** Correspondência; José Gonçalves de Medeiros; Literatura Potiguar, Escrita de si.

**Abstract:** This is a study on the letters written by the Brazilian author José Gonçalves Pires de Medeiros (1919-1951) during the 1940's. The correspondence of José Gonçalves encompasses a period from 1941 to 1949 and it comprehends a set of seventeen letters written to five different recipients. This work aims at observing within the correspondence of José Gonçalves some matters that face him with his historical and political background, in which he lived and produced his work. Since writers of epistolary texts under the condition of an interlocutor of a specific recipient substantially magnifies the linguistic protocol of *Self-Writing* in regard to matters of collective interest, once through their intellectual concerns they start to record in the correspondence genre their thoughts surrounding the culture of a particular historical moment of their country, state or community. Following such trend, the letters that were analyzed unveil a not well-known profile up to this moment. Despite they are documents of personal nature and a kind of everyday life testimonial, letters comprise a grasp and a source of knowledge apprehended as an effective contribution to the understanding of an author's work as well as of his intellectual concerns relating to the context in which the author lived. Thus, it is valid the assertion by de Angelides (2001, p. 14): “[...] the letters of a writer can be an object for aesthetical fruition, though in a very peculiar way, in which the literary and the extra-literary interchange”. It is an experiment in the intimate and collective reality that works out as an important instrument for the elucidation of an author's work. Taking that into consideration, to

the letter is bestowed a simultaneous nature: as a document and as fiction, because it is made of confidences and reflections, of reality and artistic creation. Taken as an “autobiographical space”, according to Lejeune (2008), the letters that were analyzed comprehend both the psychology of the author and his surroundings. Referential data, memories, confidences, perplexities, worldviews, reflections on art, culture, Politics and History merge with the studied genre, placing *Self-Writing* an intersubjective language universe of dialogical interactions.

**Key-words:** Correspondence. José Gonçalves de Medeiros. Potiguar Literature. *Self-Writing*.

## 1. A carta e suas transformações

Desde a invenção da máquina datilográfica, a carta começou a perder aquilo que, nela, era a marca mais pessoal do missivista – a sua caligrafia, como se costumava chamar antigamente a grafia manuscrita, embora, em alguns casos, esta desminta o sentido original da palavra caligrafia. Exemplo disso é a carta que Machado de Assis escreveu em 02 de março de 1869 a Carolina Xavier de Novais, então sua noiva.

A carta foi divulgada em 1939 e continha uma estranha mensagem em que Machado de Assis (2008, p.1348-1349) convidava a noiva para tocar fogo no mundo: “[...] depois, querida, *queimaremos* o mundo, porque só é verdadeiramente senhor do mundo quem está acima das suas glórias fofas e das suas ambições estéreis”. E assim permaneceu durante quase setenta anos, inclusive na segunda edição das *Obras completas* (2008), quando nesse mesmo ano, as pesquisadoras Irene Moutinho e Sílvia Eleutério, segundo Rouanet (2008, p. XIV), identificaram o original e “decifraram que Machado, na verdade, escreveu: “... depois, querida, *ganharemos* o mundo...” (Grifos nossos).

Esse exemplo serve para demonstrar a importância da preservação desse tipo de manuscritos, uma vez que eles são provas testemunhais do que pensavam seus autores sobre os mais diversos assuntos: das decisões políticas às inquietações intelectuais, da vida cultural aos projetos literários, ou simplesmente sobre o mais prosaico e corriqueiro dos assuntos.

De acordo com Klinger (2012), as cartas mantêm em comum com o diário íntimo um gesto bem particular do missivista, na medida em que pressupõem um gênero fortemente marcado pela *escrita de si*. Trata-se de um gênero em que o autor registra os mais diversos sentimentos e experiências várias: memórias, episódios relativos à

vivência cotidiana, aspectos históricos, políticos e culturais, testemunhos do *eu* e de toda uma geração.

A diferença básica entre estes dois gêneros discursivos – a carta e o diário íntimo – é que o diário não pressupõe, necessariamente, a interação com o outro, enquanto a carta alarga o registro da experiência vivida, na medida em que procura atingir um interlocutor. E este alcance ocorre, seja na particularidade e relação de confissões amorosas dirigidas a pessoas próximas tornadas distantes – cartas de amor, por exemplo –, seja na condição de atingir um destinatário não específico, no caso de leitores de revistas e jornais.

Na atualidade, a relação dos interlocutores tanto da carta quanto do diário íntimo tem passado por profundas mudanças. Com o advento da internet e dos meios eletrônicos de produção e aporte textual, essa relação praticamente se inverteu. Se, por um lado, a carta, que já foi um dos meios mais eficazes de se encurtar distâncias, perdeu espaço e praticamente não é mais produzida em função das novas tecnologias e dos correios eletrônicos; por outro, o diário íntimo que, como informa o próprio binômio, se destinava a lançar as experiências pessoais, até as mais inconfessáveis, hoje ele emerge, nas suas formas virtuais – *blog*, rede social – como meio de expor as confissões mais íntimas para um sem-número de pessoas. Entretanto, quando se trata da correspondência de pessoas que de alguma forma influenciaram a vida de outras pessoas (cientistas, filósofos, escritores, artistas), a carta ganha cada vez mais relevância, pois pode elucidar muitos pontos ainda não suficientemente iluminados da história social, da vida política, de projetos intelectuais, científicos, artísticos e literários.

A carta é reveladora tanto da experiência íntima do autor, por ser um documento de cunho pessoal onde se evidenciam as marcas da psicologia do biografado na relação com o outro para o qual ela ganha destino, e, a um só tempo, torna-se também um instrumento elucidativo da obra ou do projeto estético de seu criador, o que favorece, consideravelmente, o entendimento da crítica, no sentido de tornar visíveis elementos iluminadores de natureza extra-literária que contribuem para uma mais ampla compreensão da obra estudada, na articulação entre o literário e o contexto de sua produção. Nessa direção, a natureza do gênero epistolar ultrapassa a linha da *escrita de si* e se eleva a cargo de um universo coletivo, na medida em que dá a ver um teor social de uma época cujo interesse é a do grupo no qual o autor está filiado como pertencimento e para onde ele destina a marcha e o registro da trajetória de si e da vida intelectual, em uma conjugação de *confidências e confissões*.

Estudiosos e editores influenciados pelo interesse das pessoas em conhecer, seja a gênese das obras, o pensamento dos autores ou mesmo dados de sua vida privada, lançam mão de arquivos em busca de originais e os publicam incessantemente. Correspondência amorosa, cartas de um intelectual a outro, ou a algum parente dão o teor das publicações. Assim, é que vieram a público a *Correspondência amorosa* de Florbela Espanca, na minuciosa organização de Maria Lúcia Dal Farra; as centenas de cartas de Machado de Assis; as *Cartas – 1924-1944*, de Câmara Cascudo e Mário de Andrade; e as *Cartas a Théo*, que Van Gogh escreveu ao irmão, para citar apenas alguns exemplos.

Nesse contexto, o presente ensaio filia-se a essa corrente de estudos, pois tem por objetivos comentar e analisar a correspondência que o escritor norte-rio-grandense José Gonçalves Pires de Medeiros escreveu durante os anos de 1940. Além disso, visa informar quem foi o autor, uma vez que seus escritos – contos, crônicas, poemas – publicados em jornais de Natal e de Recife, ainda não foram compilados em volume. Grande parte permanece inédita, em textos datilografados ou manuscritos, como acontece com praticamente metade das cartas aqui analisadas.

## 2. José Gonçalves, sua época e sua obra

### 2.1. O homem público

José Gonçalves Pires de Medeiros nasceu em 18 de dezembro de 1919, na Rua da Matriz, em Acari, no Seridó norte-rio-grandense. Seus pais são o telegrafista Mário Gonçalves de Medeiros e Porfíria Eusébia Pires de Medeiros.

Os estudos iniciais, fez em sua cidade natal, no Grupo Escolar Tomaz de Araújo, indo depois para o Seminário de São Pedro, em Natal, com apenas 11 anos de idade. Daí, passou a estudar no Colégio Ateneu, onde foi aluno do folclorista Luís da Câmara Cascudo.<sup>1</sup>

Não obstante o ambiente conservador com o qual conviveu em Acari, onde o avô materno era um respeitado e temido chefe político, José Gonçalves muito cedo desenvolveu aguçado senso crítico. Nesse sentido, o episódio mencionado a seguir é digno de nota: de espírito irrequieto, por não concordar com os termos da punição que o

---

<sup>1</sup> Cf. o texto “José Gonçalves no Ateneu” (CASCUDO, 1952).

diretor do Ateneu, Celestino Pimentel, impusera a um aluno, que se suicidou em consequência disso, José Gonçalves o responsabilizou, em sessão pública, pela morte do colega. Por conseguinte, foi expulso do colégio, tendo, entretanto, a pena comutada em transferência para o Liceu Paraibano, em João Pessoa – PB, de onde segue, anos depois, para o Colégio Carneiro Leão, em Recife-PE, no qual faria o preparatório para o Curso de Direito.<sup>2</sup>

Ao ingressar na tradicional Faculdade de Direito do Recife, José Gonçalves não demonstra interesse pelo curso e só o conclui oito anos depois do ingresso, em decorrência de seu envolvimento em agremiações políticas, assim como da descoberta de sua verdadeira vocação – a de homem de letras, pois logo que se instala na capital pernambucana passa a colaborar para a imprensa, de acordo com carta a sua irmã Amélia Gonçalves. Num tom bem humorado, entre irônico e jocoso, ele afirma: “Já deves estar informada, que estou trabalhando no “Jornal do Commercio”. “É muita farinha” já posso fazer jus ao título de jornalista” (Grifo do autor).<sup>3</sup>

Devido a esses interesses, José Gonçalves fez amizade com as mais expressivas personalidades que então movimentavam a cena cultural e política de Recife, entre elas: José Américo de Almeida, Odilon Ribeiro Coutinho, Mauro Mota e Gilberto Freyre, além do estreante Ariano Suassuna, com quem dividiu a organização de um concurso de poesia<sup>4</sup>.

Os primeiros anos da década de 1940 não foram fáceis para José Gonçalves e todos aqueles que combatiam a ditadura do *Estado Novo*, e ele se integrou ao movimento *A Resistência*, que contava, inclusive, com o jornal panfletário *O Cupim*. A responsabilidade pelo jornal, segundo Antonio de Brito Alves, era quase que inteiramente de José Gonçalves: “Que seria do ‘Cupim’ se você de mangas arregaçadas, pela noite a dentro, não escrevesse os artigos e mesmo as manchetes e não fosse distribuí-los sem medo da violência e da arbitrariedade!” (ALVES, 1952, p. 01).

E Glaucio Veiga, que divide a responsabilidade pelo panfletário, afirma: “A minha geração sabe muito bem o que foi esta quadra de 41 a 45. A polícia vivia em nossos calcanhares. As prisões se sucediam. Mas nós conspirávamos. Ao nosso jeito. Espalhando o jornal ‘O Cupim’” (VEIGA, 1952, p. 01).

<sup>2</sup> Informação dada por Paulo Gonçalves de Medeiros (1921-2006), irmão de José Gonçalves, em entrevista concedida exclusivamente para esta pesquisa, em 18 e 19 de dezembro de 2001.

<sup>3</sup> Carta manuscrita, que permanece inédita, à irmã Amélia Gonçalves, em 4 de agosto de 1941.

<sup>4</sup> Nota do *Diário de Pernambuco* sobre o *II Congresso de Poesia do Recife*, de 26 de julho de 1946, cuja “comissão promotora” era composta por Tomaz Seixas, Edson Régis, José Gonçalves de Medeiros, Américo Bandeira e Ariano Suassuna.

Por causa dessas ações, José Gonçalves foi preso várias vezes, de acordo com seu irmão Paulo Gonçalves: “Várias vezes, preso várias vezes. Sendo que esta, que eu lhe contei, eu assisti pessoalmente. E outras vezes era preso na rua. Levava, passava uma, duas horas na detenção, prestando... na delegacia, prestando depoimento... e... era solto.”<sup>5</sup>; e Oswaldo Lamartine, que afirma:

[...] naquela efervescência, quando morreu Demócrito de Sousa Filho<sup>6</sup>, em Pernambuco, eles andavam fazendo um *meeting*, discurso... Ele disse da patota dele, foi o último a ser preso. Que foi preso assim, às três pras quatro horas. Ou quase de madrugada. E foi levado pra uma prisão, em Recife, que era considerada a pior prisão política do Brasil. Chamavam “O Brasil Novo”. [...] Então, quando abriram a porta da prisão... aquele corredor de grade, de cela... de um lado e de outro... uma luzinha... só pra fazer penumbra, lá no fim... Ele começou a assobiar a *Marselhesa*... e de todas as celas, responderam. Era um negócio bonito! Isto, eu me lembro. Contado por ele.<sup>7</sup>

Após a queda do *Estado Novo*, ainda estudando em Recife, José Gonçalves ingressa na política partidária, filiando-se à União Democrática Nacional (UDN), em 1946, mesmo ano em que se casa com sua prima Hilda Pinho Gonçalves de Medeiros, com quem teria dois filhos: Maria Amélia Gonçalves de Medeiros (1947-1994) e Alexandre José Gonçalves de Medeiros (1951), que nasceu seis dias após a morte do pai.

Nas primeiras eleições livres pós-*Estado Novo*, José Gonçalves elege-se deputado estadual constituinte pelo Rio Grande do Norte, em 19 de janeiro de 1947. Mas em pouco tempo, ele estava decepcionado com a UDN, e pode-se mesmo dizer que com a política, de acordo com o comentário que fez em carta ao seu irmão Genival Medeiros, em 16 de maio de 1949: “[...] em política não entra como valor ponderável a ‘memória’. Infelizmente os homens esquecem em política com maior facilidade que as crianças aos 2 anos”.

Especificamente sobre a UDN, ele afirma no trecho seguinte da entrevista aos *Diários Associados*:

<sup>5</sup> Paulo Gonçalves de Medeiros, em entrevista concedida, cf. nota 2.

<sup>6</sup> Demócrito de Sousa Filho era colega de José Gonçalves no Curso de Direito, em Recife. Foi assassinado pela polícia do *Estado Novo*, em 03 de março de 1945, na sacada do *Diário de Pernambuco*, durante comício em prol da candidatura de Eduardo Gomes à Presidência da República. O discurso que José Gonçalves proferiu no enterro do acadêmico foi publicado com o título de “Oração a um jovem morto”, em jornais de Pernambuco e, inclusive, do Rio de Janeiro.

<sup>7</sup> Oswaldo Lamartine de Faria (1919-2007), em depoimento de 12 de novembro de 2003, exclusivo para esta pesquisa.

Jamais me considere um udenista. O espírito que procurei manter, participando da política, foi o espírito brigadeirista dos companheiros de 1945 na “resistência”, em Recife. Continuo convencido de que não é a ligação do homem ao partido que resolve os sempre adiados problemas administrativos. Sempre me reservei o direito de opinar. É público e notório que dentro da UDN essa minha independência sempre causou espécie (*Diários Associados*. Natal, 1950, s/p).

Depois do rompimento com a UDN, José Gonçalves filia-se ao Partido Republicano – PR, fundado em 02 de junho de 1950, por Arthur Bernardes, e disputa a reeleição pela Aliança Democrática, que uniu o Partido Social Democrático (PSD), o Partido Social Progressista (PSP) e o Partido Republicano (PR), liderados respectivamente por Georgino Avelino, Café Filho e Dix-sept Rosado.<sup>8</sup> Este foi eleito Governador do Estado, tendo como seu vice Sylvio Pisa Pedroza, do PSD (Cf. GALVÃO, 1982, p. 18 e 45).

Não sendo reeleito, José Gonçalves é convidado por Dix-sept Rosado para integrar o seu governo. Então, ele assume a diretoria da Imprensa Oficial do Estado, que publicava o jornal *A República*, do qual acumulou o cargo de diretor.

Mas a trajetória de José Gonçalves seria interrompida cedo, pois a tragédia rondava seus passos. Em 30 de março de 1951, escapa do acidente automobilístico que vitimou seus amigos Mário Negócio de Almeida e Silva<sup>9</sup> e Omar Medeiros, no município de Tacima, na Paraíba. E, pouco mais de três meses, em 12 de julho de 1951, na viagem que fazia ao Rio de Janeiro, então capital federal, junto com o governador Dix-sept Rosado, o avião em que viajavam caiu no Rio do Sal, em Aracaju, Sergipe, vitimando 32 pessoas, entre elas o Governador e três de seus secretários de governo: Felipe Pegado Cortez, José Borges de Oliveira e José Gonçalves Pires de Medeiros (Cf. GALVÃO, 1982, p. 48).

## 2.2. O homem de letras

Além da política, o grande interesse de José Gonçalves era a literatura, e logo que ingressou no Colégio Ateneu, com apenas 12 anos, integrou-se ao grupo que compunha a Academia de Letras do Ateneu Norte-rio-grandense, passando a publicar

---

<sup>8</sup> Jerônimo Dix-sept Rosado Maia (1911-1951), eleito governador do Rio Grande do Norte, em 3 de outubro de 1950, administrou o Estado de 31 de janeiro a 12 de julho de 1951.

<sup>9</sup> Mário Negócio era secretário geral do governo de Dix-sept Rosado, e Omar Medeiros, empresário (Cf. GALVÃO, 1982, 49).

em seu órgão de divulgação – o jornal *O Ateneu*, do qual foi um de seus redatores (Cf. MELO, 1987, p. 99).

Demonstrações de apreço pela literatura encontram-se em várias de suas correspondências ao irmão Genival Medeiros, aos amigos ou em pequenos textos de crítica literária, nos quais apresenta afiado senso crítico. Em uma das últimas cartas que escreveu a Genival, tece comentários e transcreve um longo trecho da novela *Judas Iscariotes*<sup>10</sup>, e arremata: “A tal da literatura é espetacular!!!”<sup>11</sup>

Em uma das *notas de caderneta*,<sup>12</sup> publicada somente quarenta anos depois da morte do autor, os alvos são três de seus contemporâneos: Augusto Frederico Schmidt, Lêdo Ivo e Mário Quintana. Assim, afirma José Gonçalves sobre Schmidt: “Acabo de ler o ‘Galo Branco’, de Schmidt. Nunca um livro me deu tão grande expressão de falsidade, farisaísmo, de atitude estudada, de esnobismo intelectual”. E mais adiante emenda: “Só uma página é digna do poeta: a lembrança rápida do pai, os traços fortes pintando a sua figura quase morta numa gare de Paris ante o espanto de menino de oito anos” (*O Poti*, Natal, 20 de out., 1991, p. 05).

Já sobre Lêdo Ivo, apresenta argumento não menos crítico, indicando pontos fracos, mas reconhecendo o que haveria de bom na escritura do poeta alagoano:

A mesma decepção com o romance de Lêdo Ivo, invadido por expressões forçadas, tentando uma poesia em prosa que fica incompleta como ar refrigerado. “As alianças” e “Caminho sem Aventura”, dois romances que não valem seu notável poema Hemengarda; principalmente o último, com trechos em Recife, uma cidade tão característica entrando no romance como inexpressiva rotunda de comédia em circo americano (*O Poti*, Natal, 20 de out., 1991, p. 05).

E em relação ao gaúcho Quintana, coloca-se na contracorrente do que havia dito a crítica da época:

E a convivência da crítica enchendo de ar os balões, como acontece agora com esse “Sapato Florido” do poeta Quintana que sem inspiração enche um livro de afirmações como esta: “Alarmar

<sup>10</sup> Novela do escritor russo Leonid Andreiév (1871-1919). A publicação brasileira mais recente dessa novela é *Judas Iscariotes e outras histórias*, da Editora Claridade (São Paulo, 2004), com tradução direta do russo, por Henrique Losinsky Alves.

<sup>11</sup> Carta a Genival Medeiros, 18 dez. 1949.

<sup>12</sup> José Gonçalves comenta a respeito destas cadernetas em dois textos: no que antecede o conto *Ensaio kafkiano*, no qual se refere a “quarenta cadernetas cheias de notas...” (PINTO, 2002, p. 57), e em outro publicado no *Diário de Pernambuco*, 13 jul. 1952, diz ele: “Já estão cheias 52 cadernetas”. Na verdade, além desse conjunto de cadernetas, existem no espólio do autor vários textos esparsos, que não fazem, necessariamente, parte das cadernetas, o que pode ser o caso deste texto (*O Poti*, Natal, 20 out. 1991), e de outros aqui referidos sob a denominação genérica de *nota de caderno* ou *nota de caderneta*.

senhoras gordas é um dos maiores encantos desta e da outra vida”, onde não encontramos nenhum senso de humor do “non sense”, nem o gosto do disparati. E são cento e trinta páginas, cada uma com pensamentos semelhantes a este, sem sentido e sem conteúdo, nem ao menos poético (*O Poti*, Natal, 20 de out., 1991, p. 05).

Em contraponto a esses comentários, José Gonçalves acrescenta referências a leituras de autores que, naquele momento, já dispunham de renome internacional, dentre eles, três prêmios Nobel de Literatura: “Depois de ler ‘O Lobo da Estepe’, ‘Os Moedeiros Falsos’, ‘Os Thibault’, ‘Os Irmãos Karamazof’, não é possível gostar de ‘Sapatos Floridos’ e é mesmo para descrever da nossa literatura”<sup>13</sup>.

Além de seu interesse pelos rumos que tomava a literatura nacional, José Gonçalves também estava atento ao que ocorria em sua *província* e nem sempre estava satisfeito com o que se produzia por aqui. Em carta a Mauro Mota, de 25 de outubro de 1945, revela o plano de criação de uma revista literária para o Rio Grande do Norte: “Zero” pretende ser o órgão de alguns que não estão satisfeitos com o que se produz aqui. O essencial, portanto, é o grupo, o movimento, e estes existem”. E se coloca como líder do grupo, do qual cita os nomes, como será visto mais adiante.

Cinco anos depois, continua insatisfeito com os rumos das letras potiguares. Em uma das cartas a Thales Ramalho, de 22 de fevereiro de 1949, ele evidencia a preocupação com o *status* das produções locais: “Américo<sup>14</sup> está fazendo um grande esforço para que tenhamos aqui um *suplemento literário* à altura das possibilidades do DIÁRIO” (Grifos nossos).

Ainda no ano de 1949, a 17 de julho, escreve novamente a Thales Ramalho, mas dessa vez em tom bastante pessoal, para falar de sua satisfação em ler sem compromissos: “estou aqui lendo em ritmo de suingue, sem método e hora marcada, como é mais gostoso”. E logo em seguida, dá uma mostra de consciência sobre o seu próprio fazer literário: “dei mais dois capítulos àquela história do filho do pastor, mas acho a coisa meio descondensada, meio não sei como. talvez um tanto afetada”.

<sup>13</sup> Os livros citados são, respectivamente, do escritor alemão Hermann Hesse (1877-1962), e dos franceses André Gide (1869-1951) e Roger Martin du Gard (1881-1958). Os três primeiros são vencedores do Prêmio Nobel, e o autor do último, o russo Fiódor Dostoiévski (1821-1881), é um dos escritores mais importantes da literatura universal.

<sup>14</sup> Américo de Oliveira Costa (1910-1996). Advogado, escritor e jornalista potiguar. Entre suas obras, encontra-se o livro *Viagem ao Universo de Câmara Cascudo*, ganhador do Prêmio Nacional Luís da Câmara Cascudo da Fundação José Augusto, 1969 (Cf. CARDOSO, 2000).

Em uma nota encontrada entre seus escritos<sup>15</sup>, além de manifestar aguçado senso crítico ao analisar a produção de seus contemporâneos, e considerar Graciliano Ramos como “o nosso melhor romancista”, José Gonçalves registra o seu projeto para se dedicar aos trabalhos de escritor, ao afirmar que está “colhendo notas e impressões para mais tarde rever”.

Além disso, José Gonçalves era considerado “um dos vivos e brilhantes ‘leaders’ dos novos do Rio Grande do Norte e do Nordeste”, como é descrito na apresentação da entrevista que concedeu ao *Jornal do Commercio*, em 04 de setembro de 1949 (PINTO, 2002, p. 87).

Das notas de caderneta – era assim que José Gonçalves se referia aos seus textos – deixou considerável quantidade publicada nos jornais *Diário de Natal*, *A Ordem*, *Jornal da Tarde* e *A República*, e na *Revista de Letras*, em Natal. Também publicou no *Diário de Pernambuco*, no *Correio da Manhã*, no *Jornal do Commercio*, e na *Revista Nordeste*, em Recife; além de ter colaborado com os *Diários Associados*, em João Pessoa, segundo seu irmão Amaury Medeiros<sup>16</sup>.

Entre os títulos publicados, destacam-se o conto “Menino em dezembro” e o poema “Despedida do pássaro morto”. Do conto, esta pesquisa teve acesso a seis publicações, quatro em jornais e duas em livros, e do poema, quatorze publicações, sendo dez em jornais, uma em plaquete e três em livros.

Além do conto e do poema referidos, tivemos acesso a outros quatro contos: “Rua de Santa Eulália”, “Paisagem humana”, “Ensaio kafkiano” e “Um dia em nossa casa”. Dos cinco contos mencionados, apenas em relação ao “Menino em dezembro” é possível estabelecer uma historiografia, apesar de algumas informações a seu respeito serem bastante imprecisas. As cinco edições posteriores à primeira do *Diário de Pernambuco*, feita pelo próprio autor, em janeiro de 1949, apresentam problemas que vão de falta de referências em relação a publicações precedentes a modificações em sua estrutura.

Dois anos e meio depois da primeira publicação, o conto foi reeditado pelo *Diário de Pernambuco*, por ocasião da morte de José Gonçalves, em julho de 1951, quando começa a sofrer alterações. Estas se acentuam no ano seguinte, no *Diário de*

---

<sup>15</sup> Apontamentos inéditos recolhidos nos papéis de José Gonçalves de Medeiros. *Diário de Pernambuco*. Recife, 13 de julho de 1952.

<sup>16</sup> Amaury Pires de Medeiros (1929-2004?), irmão de José Gonçalves, em entrevista concedida em 6 de dezembro de 2000, para esta pesquisa. Como se vê, a data de morte é indeterminada, tendo em vista que as informações que obtivemos dos familiares foram imprecisas, e não tivemos acesso a nenhum documento que nos fosse esclarecedor a esse respeito.

*Natal*, que publicou o conto em comemoração ao primeiro aniversário da morte do autor, em julho de 1952. O mesmo jornal potiguar o reeditou em 1995, embora o texto de apresentação ignore que o periódico já o havia publicado quarenta e três anos antes. No mesmo texto do jornal natalense, afirma-se que o conto “foi publicado pela última vez em janeiro de 1949, no *Diário de Pernambuco*”, ignorando também a segunda publicação do diário pernambucano, assim como a antologia *Contistas norte-rio-grandenses* (CASTRO, 1966), na qual, “Menino em dezembro” foi incluído.

No entanto, no cotejo entre essas edições, é facilmente verificável que a edição de 1995 (*Diário de Natal*) foi copiada da segunda do *Diário de Pernambuco* (1951), pois apresenta as mesmas modificações.

Além das publicações em jornais, “Menino em dezembro” saiu duas vezes em livro: a primeira, em 1966, na antologia *Contistas Norte-rio-grandenses*, acima referida, organizada por Nei Leandro de Castro. A segunda e mais recente ocorreu em 2002, em *A Coleção José Gonçalves*, que reúne textos do homenageado (cartas, contos, entrevista e poema), e uma série de depoimentos e crônicas sobre ele, compilados por Lenine Pinto. Porém, as duas últimas edições referidas são as mais modificadas em relação à primeira publicação do *Diário de Pernambuco*, de 1949.

Sobre o conto “Rua de Santa Eulália”, há poucas referências. Encontra-se em um recorte de jornal no qual não constam o nome do suporte, data ou local de publicação, porém, uma nota informa que ele foi “publicado em 24 de junho de 1950, no *Diário de Pernambuco*”. Além disso, apenas dois registros: o primeiro, em *Panorama da Poesia Norte-rio-grandense* (WANDERLEY, 1965, p. 53), e o segundo, em *A coleção José Gonçalves* (PINTO, 2002, p. 10). As mesmas menções aparecem sobre o conto “Ao norte da árvore”, nos suportes mencionados. Entretanto, no que se refere ao último, esta pesquisa ainda não encontrou alusão de que ele tenha sido publicado, identificando apenas a sua existência no espólio do autor.

“Paisagem humana” está na plaquete *José Gonçalves – homenagem*, publicada pelo Departamento Estadual de Imprensa (1965), mas é provável que tenha sido editado antes em outra fonte, pois a maioria dos textos versa sobre o autor e foram escritos depois de sua morte.<sup>17</sup> Além do conto mencionado, de autoria de José Gonçalves, encontram-se na plaquete o poema “Despedida do pássaro morto” e outros dois textos

<sup>17</sup> Além da edição referida: *José Gonçalves: homenagem* (1965, p. 54-58), esta pesquisa teve acesso, ainda, a outras duas publicações deste conto em Duarte; Macêdo (2001, p. 353-357) e Pinto (2002, p. 76-79).

de seu homenageado: “Eretz Israel” e “Duque de Caxias”, de natureza não literária, sobre os quais também não há referência de publicações anteriores.

Já o “Ensaio kafkiano” é um conto incompleto – um esboço, como afirma o próprio autor: “[...] lembrando Kafka anotei ideias que talvez não sejam nunca, nem mesmo um pobre conto” (Cf. PINTO, 2002, p. 57). Na verdade, a história desse conto é bastante obscura. Foi publicado na *Revista de Letras*,<sup>18</sup> um mês depois da morte do autor, mas tudo leva a crer que seja mais uma das notas de caderneta que José Gonçalves costumava entregar aos amigos<sup>19</sup>. Antes do esboço da estória ele afirma que tem “quase 40 cadernetas cheias de notas [...] e até desenhos e esqueletos de contos e poemas”. No entanto, em outra nota,<sup>20</sup> embora não seja possível estabelecer uma ordem cronológica entre ambas, pois a segunda não está datada, ele fala em 52 cadernetas, o que desautoriza a hipótese de que tenha sido o próprio autor o responsável pela publicação de um texto incompleto.

Diferentemente dos outros contos, à exceção de “Ao norte da árvore”, que ainda não sabemos se foi publicado, como referido acima, “Um dia em nossa casa...” conserva-se inédito, em um manuscrito, enumerado por extenso, na parte superior das páginas, num total de cinco. Além disso, sequer apresenta um título, sendo utilizadas, para efeito didático, as primeiras palavras da primeira frase: “Um dia em nossa casa vale por uma semana de cansaço”.

Cumprido esclarecer que, em carta a Thales Ramalho, de 19 de julho de 1949, José Gonçalves menciona um texto ao qual teria dado “mais dois capítulos”. Este teria como protagonista o filho de um pastor<sup>21</sup>, assim como o conto mencionado, o que não permite uma afirmação categórica de que ele seja um conto, apesar de sua estrutura, ou se seria um daqueles capítulos aos quais o autor se refere.<sup>22</sup>

<sup>18</sup> Publicado inicialmente na *Revista de Letras* nº 1, p. 15, Natal, agosto de 1951 e, depois, em *A coleção José Gonçalves* (PINTO, 2002, p. 57-61), com o título “NOTA DE CADERNO: Um ensaio kafkiano”.

<sup>19</sup> A esse propósito, vale lembrar que seu texto mais conhecido, o poema “Despedida do pássaro morto”, encontrava-se com o advogado Arnaldo Lemos, ex-colega de José Gonçalves na Faculdade de Direito do Recife, que o publicou depois da morte do autor, assim como o poema em prosa “Meu amigo”, que se encontrava com Altamiro Cunha e foi publicado por este na *Revista do Clube Internacional*, em maio de 1949, além de duas “notas de caderno” publicadas em *O Poti* (Natal, 20 de out. 1991), que estavam em posse de Oswaldo Lamartine de Faria, um dos grandes amigos de José Gonçalves.

<sup>20</sup> Apontamentos inéditos (recolhidos nos papéis de José Gonçalves de Medeiros). *Diário de Pernambuco*, Recife – PE, 13 de julho de 1952.

<sup>21</sup> Carta a Thales Ramalho, publicada no *Diário de Pernambuco*, em 13 de julho de 1952.

<sup>22</sup> O conto “Um dia em nossa casa...” não faz parte do arquivo principal do espólio do autor. Daí, a dúvida sobre a sua duplicidade. Espera-se esclarecer esse fato nas cadernetas nas quais José Gonçalves escrevia diariamente e onde se encontram outros contos, além de textos diversos.

### 3. O contexto das cartas de José Gonçalves

A correspondência de José Gonçalves, particularmente as cartas aqui comentadas, concentra-se no período de quase uma década, precisamente de 1941 a 1949, e compreende um conjunto de dezessete cartas a cinco diferentes destinatários. Destes, o que priva com mais assiduidade da verve de missivista do autor é o seu irmão Genival Medeiros (1925-2000), a quem ele enviou sete cartas. Em segundo lugar está o escritor pernambucano Mauro Mota (1911-1984), a quem foram destinadas cinco cartas e, em seguida, Thales Ramalho (1923-2004), destinatário de três cartas. E, finalmente, com uma carta, cada, Amélia Gonçalves, irmã do autor, e o padre Ambrósio Silva, então vigário da paróquia de Acari.

Sobre os dois últimos destinatários, vale destacar, a carta a Amélia é a que abre a série de correspondências de José Gonçalves, em 4 de agosto de 1941, e tem o mérito de anunciar o início de sua atuação na imprensa pernambucana, como ele afirma: “Já debes estar informada, que estou trabalhando no ‘Jornal do Commercio’”.

Já a carta destinada ao padre, datada de Recife, em 10 de outubro de 1945, no calor das eleições para a Presidência da República, momentos finais do *Estado Novo*, difere do conjunto por não se tratar de correspondência privada, mas de uma carta aberta ao vigário da paróquia e à população de Acari, e devido ao seu conteúdo fortemente político.

Destaque-se, ainda, o fato de que as cartas endereçadas a Mauro Mota e a Thales Ramalho foram publicadas no *Diário de Pernambuco*, em 13 de julho de 1952 e reproduzidas em *A coleção José Gonçalves*, coletânea de textos do autor e sobre ele, organizada por Lenine Pinto, em 2002. A exceção é uma das cartas a Mauro Mota, sem data, publicada no periódico pernambucano, mas não incluída na coletânea.

Já a Carta aberta ao vigário de Acari, foi publicada por Paulo Bezerra, no livro *Cartas dos sertões do Seridó*, no ano 2000, enquanto o conjunto de cartas que José Gonçalves escreveu aos seus irmãos Amélia e Genival permanece inédito. Esse grupo corresponde a nove cartas, oito manuscritas e apenas uma datilografada, dirigida a Genival e datada de Acari, em 25 de maio de 1949.

### 4. O que dizem as cartas

Interessa observar, na correspondência de José Gonçalves, aqueles assuntos que o situam diante do contexto histórico e político em que ele viveu e produziu sua obra, pois os autores de textos epistolares, na condição de interlocutores de um destinatário específico, ampliam consideravelmente o protocolo linguístico da *escrita de si* no trato dado a questões de interesse coletivo, uma vez que através de suas inquietações intelectuais passam a registrar, no gênero em causa, seus pensamentos no entorno da cultura em um dado momento da história de seu país, de seu estado ou comunidade.

Seguindo essa tendência, as cartas de José Gonçalves revelam um perfil pouco conhecido até o momento. É bem verdade que um perfil na penumbra, que ainda não permite a identificação real do sujeito, pois este é o primeiro estudo sobre as cartas do autor. Além disso, faz-se necessário notar que não dispomos de todo o conjunto de correspondências produzidas por ele, pois, no *corpus* em análise, há diversas referências a cartas escritas a outros destinatários, às quais ainda não tivemos acesso.

Uma dessas situações pode ser um interessante diálogo estabelecido sobre o material que, em carta a Mauro Mota, de 13 de maio de 1949, José Gonçalves diz ter encontrado:

Talvez dê um pulo aí e levarei grandes documentos encontrados aqui no interior (cartas de Mário de Andrade falando sobre o dilema cristianismo-comunismo e uma carta notável do poeta Raul Bopp, falando de suas saudades de Olinda – 1922). Não posso ainda divulgá-las porque são dirigidas a “Antonio Bento” de Araújo Lima, nosso conterrâneo que mora no Rio e com quem ainda não me comuniquei. Antonio Bento parece que teve grande saliência no movimento intelectual da mocidade daquele tempo pois a carta refere-se sempre a Zé Lins, Murilo Mendes e Manoel Bandeira. Encontrei no porão da casa de seu irmão [Agenor Medeiros], um chefe político meu amigo, muita coisa mais: ótimos livros franceses [...].

O mesmo assunto ele aborda em carta, sem data, a Thales Ramalho. Aliás, com bem mais detalhes, pois faz um verdadeiro rol das obras encontradas (cartas, livros e revistas, e uma aquarela de Di Cavalcanti), além de transcrever e comentar trechos da carta de Raul Bopp. E, mais uma vez, reitera a necessidade de se comunicar com o proprietário dos objetos: “Agenor Medeiros autorizou-me a trazer muita coisa, mas vou primeiro escrever ao Antonio Bento<sup>23</sup>”.

---

<sup>23</sup> Antônio Bento de Araújo Lima (1902-1988) é considerado um dos grandes divulgadores da arte moderna no Brasil. Da convivência com Mário de Andrade, Ismael Nery, Di Cavalcante, Portinari

O acesso a essa provável carta certamente traria novas luzes sobre os desdobramentos dessa descoberta, assim como poderia evidenciar novas visões do autor sobre as obras encontradas, e principalmente, se houve aproximação do missivista com o detentor das obras, se uma nova relação se estabeleceu.

Para seguir o percurso das cartas<sup>24</sup> de José Gonçalves e podermos traçar um esboço de seu perfil, ainda que na penumbra, como mencionado anteriormente, adotamos os parâmetros estabelecidos por Marco Antonio de Moraes<sup>25</sup>, a partir da correspondência de escritores e artistas brasileiros. De acordo com o estudioso em questão, a documentação de natureza privada pode ser pensada a partir de três grandes perspectivas: 1ª – as cartas revelam “um perfil biográfico” delineado pela “expressão testemunhal”; 2ª – o estudo do gênero epistolar pode “apreender a movimentação nos bastidores da vida artística de um determinado período”; e 3ª – o gênero epistolar é considerado como “arquivo da criação”, onde se pode encontrar “a gênese e as diversas etapas de elaboração de uma obra artística”.

Seguindo esses parâmetros, vejamos, de forma esquemática, como cada uma dessas perspectivas pode ser detectada nas cartas de José Gonçalves, como cada bloco de informação pode contribuir para a constituição de um perfil do autor, levando-se em conta a integração das perspectivas elaboradas por Moraes.

Assim, consideramos como “perfil biográfico” delineado pela “expressão testemunhal” aqueles momentos em que o autor comenta com seus interlocutores os temas mais corriqueiros, suas preferências pessoais ou, em alguns casos, aqueles assuntos pelos quais o autor não apresenta empatia, ou seja, declarações que “contam a trajetória de uma vida, delineando uma psicologia singular” (MORAES, 2007, p. 30).

Com relação a esse perfil mais pessoal, destacamos situações que revelam o autor como um sujeito bem humorado, espirituoso, e até sarcástico, a depender do interlocutor a quem se dirige. Assim é que, nas cartas ao seu irmão Genival, apesar de também tratar de assuntos sérios com ele, surgem momentos bastante descontraídos, beirando o humor.

---

resultaram diversas obras, entre elas, uma biografia deste último. Já as referências a José Lins do Rêgo e a Raul Bopp, mencionadas por José Gonçalves, provavelmente estão relacionadas à amizade que Antônio Bento fez com eles durante o período de residência em uma república de estudantes, em Olinda, nos primeiros anos da década de 1920, quando cursavam Direito em Recife (Cf. BENTO, 1993).

<sup>24</sup> Existem alguns bilhetes que não foram incluídos neste estudo porque não temos conhecimento sobre quem sejam seus destinatários, afora o escrito a sua mãe, Porfíria Eusébia.

<sup>25</sup> Em “Epistolografia e crítica genética” (MORAES, 2007).

Na primeira carta que escreveu ao irmão, em 12 de novembro de 1943, assim se refere sobre a ausência de notícias de sua irmã mais velha: “Dizem que Amélia ‘bateu a bota’ e foi para a cidade de ‘pés juntos’. Será verdade?”; “Estou inclinado a crer que sim, pois nunca mais soube notícias d’ela”.

Já em 16 de maio de 1949, o alvo de brincadeiras é o próprio Genival. E aqui abrimos um parêntese para antecipar o motivo da sua inquirição. Dos onze irmãos de José Gonçalves, alguns não foram registrados com o sobrenome Gonçalves, tendo apenas o último nome da mãe e o último do pai (Pires de Medeiros). Assim, subtende-se pelo trecho seguinte, que Genival consultou o irmão advogado sobre o acréscimo de Gonçalves ao seu nome, ao que ele responde:

Quanto à mudança de seu nome com o acréscimo de Gonçalves, vou providenciar embora pense que no registro só poderá ser aumentado se você casar comigo ou com outro danado dessa raça paraibana de “frechados”.

Adote logo, na rua, na pensão, nas cartas, na zona, quando for preso pela R.P., na Faculdade, etc. o nome de Genu Gonçalves e deixe o nome verdadeiro para as coisas sérias que não valem nada como estudo, provas parciais, colação de grau, etc.

Mas se há momentos de descontração nas cartas de José Gonçalves, também há aqueles em que ele demonstra indignação, como quando expressa as suas divergências com o regime político então vigente no Brasil – a ditadura Vargas ou *Estado Novo*. E a dicção de conversa logo se transforma também em crítica, comentários, reflexão política, oferecendo ao leitor do presente um registro do acontecido e a sua visão sobre os fatos. Ao comentar uma das ações populistas implementadas por Getúlio Vargas, a “regulamentação do salário familiar”, em carta a Genival Medeiros, de 25 de novembro de 1943, ele protesta: “parece mais uma tapeação deste estado para-fascista a que chamamos Estado Novo. Estou convencido é que precisamos jogar com esta porcaria por terra”.

Na mesma carta, ele alerta o irmão, embora de forma jocosa, sobre os excessos do regime: “É bom não tocar em política, nas cartas que me escrever, pois a polícia está censurando minhas cartas e me seguindo, só porque eu estou frequentando a casa do maior sociólogo do Brasil: Gilberto Freyre. Pobres Cherloques!!!”

Situações também reveladoras de um perfil mais íntimo do autor, encontram-se em vários trechos das cartas a Thales Ramalho. Em 19 de junho de 1949, em carta datilografada, conforme se depreende de seu início, ele começa assim: “eliminei as

maiúsculas porque o dedo esquerdo deve sempre estar livre e as maiúsculas são muito chatas”. E nessa mesma carta, a confissão de desgosto com a profissão que seguiu: “nada ainda de advocacias. graças a deus”. E neste outro trecho de uma carta sem data (não sabemos se escrita antes ou depois da anteriormente citada): “Estou esperando minha lata de doutor e uns livros que comprei na Editora para meter a alma e a má vontade na advocacia”. Uma confissão que o autor não parece disposto a fazer a qualquer pessoa, nem mesmo aos irmãos, aos quais não se refere ao curso, ainda mais nesses termos. O que demonstra que o fato de ter concluído a graduação em oito anos, prova que essa área não era de seu interesse e que, provavelmente, ingressou em Direito por escolha ou imposição paterna, como era costume na época.

Quanto à segunda perspectiva de estudo do gênero epistolar, preconizada por Marco Antonio de Moraes (2007), de que é possível “apreender a movimentação nos bastidores da vida artística de um determinado período”, há diversas situações nas cartas de José Gonçalves em que isso ocorre.

Selecionamos, então, algumas dessas situações. Naqueles anos de 1940, estava em voga a criação de revistas culturais e suplementos literários nas capitais nordestinas. E José Gonçalves estava sempre atento a esses movimentos. Em carta a Thales Ramalho, de 12 de fevereiro de 1949, ele comenta sobre os esforços de Américo de Oliveira Costa para criar, em Natal, um suplemento literário “à altura das possibilidades do DIÁRIO”<sup>26</sup> reconhecendo, evidentemente, a superioridade do suplemento recifense, no qual publicou alguns de seus textos, como o conto “Menino em dezembro”, em janeiro desse mesmo ano.

Na sequência desse comentário, ele emenda o seguinte: “Um grande sucesso é o poema de Mauro<sup>27</sup> sobre as namoradas, dos americanos, para o qual escrevi uma apresentação. Tiramos da revista Clã”.<sup>28</sup> Dessa forma, José Gonçalves se situa não só como um observador da cena cultural, mas também como ativo participante dela, ao comentar um poema recém divulgado e, além disso, fazer a sua apresentação para ser publicado, provavelmente, no suplemento que por aqui tentava se renovar, como ele afirma na mesma carta: “O de domingo (13) já sai com uma feição muito boa.”

<sup>26</sup> Em *A coleção José Gonçalves* (PINTO, 2002), o nome do jornal encontra-se completo e destacado em itálico: *Diário de Natal*, porém, o DIÁRIO ao qual José Gonçalves se refere é o de *Diário de Pernambuco*, forma abreviada que ele usava, quase sempre, em referência ao periódico pernambucano, além de, às vezes, usar apenas D.P.

<sup>27</sup> O poema referido é “Boletim sentimental da guerra no Recife” que, depois de sair em jornais e revistas, foi publicado em *Elegias*, primeiro livro de poesias de Mauro Mota, em 1952, com prefácio de Álvaro Lins (Edição *Jornal de Letras*, Rio de Janeiro, 1952, p. 30-34).

<sup>28</sup> Revista cultural que circulou durante as décadas de 1940 e 1950, em Fortaleza-CE.

Comentários dessa natureza também ocorrem em outras circunstâncias, seja relativos aos próprios projetos, seja alusivos a realizações de terceiros. Sob esse ponto de vista, o planejamento em torno da divulgação de um determinado projeto artístico, bem como “as dissensões nos grupos e os comentários acerca da produção contemporânea aos diálogos” permite ao estudioso sobre o assunto, ainda segundo Moraes (2007), “compreender que a cena artística [...] tem raízes profundas nos ‘bastidores’, onde, muitas vezes, situam-se as linhas de força do movimento”.

Nesse sentido, ressaltamos duas situações distintas. A primeira é o plano de criação de uma revista sobre a qual José Gonçalves comenta em carta a Mauro Mota, de 25 de outubro de 1945. Projeto esse que, apesar da robustez de informações que o autor nos dá por meio dessa carta, não chegou a se concretizar, por motivos ainda alheios ao nosso conhecimento.

Vale salientar em que termos ele se refere ao projeto. Aliás, toda a carta gira em torno da proposta de criação da revista, exceto o último trecho, quase um *post scriptum* de três linhas, sobre uma “nota” enviada a Mauro Mota, certamente com a intenção de que fosse publicada.

Sobre a revista, José Gonçalves dá a entender que ela já era dada como um acontecimento: “Fala-se em ‘Zero’ e basta para que ela exista”. Um fato que, se ainda não havia se consumado, cedo ou tarde se realizaria. Mas, além disso, ele analisa as condições técnicas para a efetivação do periódico: “Não é fácil fazer-se uma revista numa cidade como Natal onde há boa vontade mas não há tipos suficientes nem clicherie, nem linotipos disponíveis”. Idealiza cenários: “Penso que transferiremos para Recife as ‘nossas oficinas’ porque do contrário ficaremos à espera daquele milagre do catecismo por meio do qual ‘Deus fez o mundo do nada’”.

E se não define um programa, uma linha que caracterizasse um movimento, é porque achava isso “meio goebliano”, em referência ao ministro da propaganda nazista que a tudo pretendia controlar, pois não concordaria com a imposição de um roteiro pré-estabelecido. Mas, se não sabia exatamente o que queria que fosse a revista, sabia que ela pretendia ser “o órgão de alguns que não estão satisfeitos com o que se tem feito por aqui”, isto é, deveria criar algo novo, diferente do estabelecido.

Mas além de planejar cenários prováveis, José Gonçalves delineia o grupo que comporia a revista, citando nomes: “faz três meses que já temos o nome e as colaborações de Lenine Pinto, João Lins Caldas, Walflan Queiroz, Oswaldo Lamartine, Bezerra Gomes, Câmara Cascudo, Fagundes de Menezes, Thomaz Seixas, Zé Otávio,

Zé Laurêncio, Thales Ramalho, Grimaldi Ribeiro, Newton Navarro, e vamos insistir na de Américo de Oliveira Costa, Veríssimo de Melo e Hélio Mamede”.

Como se não bastasse, ele ainda informa a quantidade de material que já teria disponível e até o volume que deveria ter a revista: “Em 50 páginas penso que não caberá tanto, mas fica assegurado o número dois [...]”. Informações palpáveis demais para admitirmos que se trate apenas de elucubrações. Ao contrário, o que podemos supor é que alguma discordância no grupo tenha impedido o prosseguimento do projeto.

A segunda cena de bastidores que ressaltamos diz respeito a discordâncias que José Gonçalves tinha para com o grupo que compunha a revista *Bando*<sup>29</sup>, certamente devido à ligação de alguns de seus membros com as ideias integralistas, das quais ele era opositor combativo. Mesmo assim, ele reconhece as qualidades do grupo. Em carta a Thales Ramalho, sem data, embora se depreenda que ela seja do ano de 1949, pois esse é o ano de lançamento da revista, José Gonçalves afirma: “Saiu o 2º Bando, um pouquinho melhor. A primeira página são coices em Mauro. Dizem que é de autoria de Veríssimo”. E ainda sobre *Bando*, ele se refere na entrevista que concedeu ao *Jornal do Commercio*, em 04 de setembro de 1949: “Abro aqui um parêntese para dizer que embora não aprecie o chamado movimento de ‘Bando’, não é possível esquecer o esforço que ele faz por realizar alguma coisa”.

O terceiro modo de exploração do gênero epistolar, presente na correspondência de José Gonçalves, é o que diz respeito à carta como “arquivo da criação”, no qual se pode encontrar “a gênese e as diversas etapas de elaboração de uma obra artística”, segundo a perspectiva de Moraes, já aqui mencionada. Nesse aspecto, as cartas de José Gonçalves estão repletas de registros tanto de planos já concluídos quanto de ideias ainda em esboço.

O primeiro projeto concluído ao qual ele faz menção é *Notas a lápis sobre Castro Alves*, ensaio sobre o poeta baiano com o qual ganhou o concurso da prefeitura de Recife, no ensejo das comemorações do centenário do poeta dos escravos. O autor o menciona na carta de 19 de junho de 1949, endereçada a Thales Ramalho, referindo-se incredulamente sobre a publicação do ensaio: “recebi uma carta de cezio dizendo que a documentação e cultura tencionava, logo que houvesse verba editar meu estudo sobre Castro Alves. penso que sendo assim ele será incluído nas minhas obras póstumas”.

---

<sup>29</sup> A revista *Bando* era dirigida por Raimundo Nonato e Hélio Galvão. Circulou de 1949 até meados da década de 1950, e contou com as colaborações de alguns autores que comporiam a revista *Zero*, entre eles: Luís da Câmara Cascudo, Veríssimo de Melo, Oswaldo Lamartine e o próprio Hélio Galvão.

Na verdade, esse foi o único volume de seus escritos que José Gonçalves viu publicado. Saiu no ano seguinte com o título de *Castro Alves – amor e revolução*, pela Livraria Cosmopolita, de Natal.

Outro ensaio com o qual José Gonçalves também participou de concurso, mas dessa vez, sem lograr êxito, versa sobre Joaquim Nabuco. A este, ele reporta-se em carta a Genival, de 18 de dezembro de 1949: “Soube agora que concluíram o julgamento do Concurso Joaquim Nabuco. O prêmio foi dividido em dois e coube a dois Cônsules: um que trabalha na O.N.U. e outro na Bélgica. / Vamos sair para outra”. Este, sim, permanece em laudas datilografadas, encadernado e inédito, no espólio do autor.

Ainda no terreno percorrido para compreender o “arquivo de criação” de José Gonçalves, encontramos em suas cartas diversos registros de notas que ele diz estar enviando, que enviou, ou que enviaria para Mauro Mota, como esta, em carta de 13 de maio de 1949: “Estou com muitas notas sobre muitas coisas e quando tiver o ‘estalo’ mandarei para você”.

Porém, de todas as referências ao “arquivo de criação” do autor, a que melhor atesta o processo criativo, com registro de “etapas de elaboração” da obra, encontra-se na carta do dia 19 de junho de 1949, a Thales Ramalho. Nessa carta, José Gonçalves afirma: “dei mais dois capítulos àquela história do filho do pastor, mas acho a coisa meio descondensada, meio não sei como. talvez um tanto afetada. mas não tem nada. fica para as obras póstumas que defunto aguenta tudo”.

Em verdade, uma anotação como essa, ao mesmo tempo em que é uma fonte de informação importante para o estudo da obra, também é enigmática e desafiadora para a pesquisa. Isso porque, até o momento, tivemos acesso a um conjunto de cinco laudas manuscritas, que se encontravam junto com as cartas que José Gonçalves escreveu a Genival, cujo conteúdo é uma história narrada por um menino filho de um pastor. Devido à sua estrutura, estamos considerando-o como um conto, mas, por enquanto, persiste a dúvida se esse manuscrito é um texto independente ou se seria um desses capítulos mencionados pelo autor.

Feito esse percurso até aqui sobre as cartas de José Gonçalves, é preciso considerar, ainda, que não dispomos das cartas recebidas por José Gonçalves, às quais ele faz referência em sua correspondência ativa, em dez situações distintas. De Genival, ele menciona que recebeu quatro cartas. Dentre estas, o assunto mais interessante parece ter sido o tratado em 25 de novembro de 1943, sobre o qual o autor se prolonga e revela um pouco do seu pensamento político:

Recebi a sua carta um tanto-ou-quanto sociológica.  
 Este diabo de problemas humanos e sociais é que tem virado a cabeça de todas as gerações desde as mais distantes épocas. Convenhamos que a luta do homem-bicho com o bicho homem, já era uma luta social.  
 Eles se atracavam por qualquer careta e finalmente entenderam de se agarrar por questões de propriedade.  
 Mas que propriedade?  
 – Ha!, respondiam, Deus atribuiu à nobreza do homem, o direito de possuir arbitrariamente a terra que pisam.  
 Gozado!!!  
 Imagine você, que confusão tremenda se algum dia também os irracionais entrassem na luta, invocando o mesmo preceito a que os homens chamam “direito natural”.

De comentários como esse emerge um homem profundamente preocupado com os problemas sociais. E podemos mesmo dizer que um homem com perfil de esquerda, embora ele hesite em assumir esse perfil, como fica demonstrado na continuação da carta, ao abreviar a palavra comunismo e colocá-la entre aspas: “Isto pode cheirar a ‘comu...’ mas o certo é que são convicções muito antigas na minha cabeça.”

As mesmas preocupações aparecem também em outras cartas a Genival, principalmente quando José Gonçalves comenta a respeito da seca no Nordeste e suas consequências. Mas, sobretudo, elas ficam mais evidentes na carta aberta ao Padre Ambrósio, em que o missivista fala de desigualdades sociais, enfatizando a pobreza, a falta de assistência médica e o analfabetismo:

Há uma infinidade de crianças, filhas de trabalhadores pobres, morrendo à míngua porque lhes faltam os remédios que custam caro, e suas mães morrendo de parto, e morreriam muito mais não fosse o espírito de solidariedade humana e caridade cristã dos poucos médicos que temos. Quantos são os que não sabem ler e só sabem do próprio nome porque ouvem pronunciá-lo? Estes sobem aos milhões e, rigorosamente, pode dizer-se que todo o Brasil é analfabeto.

Mas se é possível depreender de declarações como essa e da anteriormente citada, um perfil de esquerda, também é lícito afirmar que se trata de uma ideia de esquerda em que estão intrínsecos os ideais cristãos, por exemplo. É que, ainda na carta ao vigário, José Gonçalves recorre à Carta Pastoral divulgada naquele ano de 1945 pelo arcebispo do Rio de Janeiro, D. Jaime de Barros Câmara, para abalizar a sua contraposição ao padre Ambrósio:

Quando afirmamos que, de certo modo, os bens não estão bem divididos entre os homens, nos valemos da mesma Pastoral onde o arcebispo do Rio de Janeiro diz, entre outras coisas: “os bens terrenos no mundo não se acham equitativamente distribuídos. Relações entre capital e trabalho nem sempre se inspiram em normas de justiça e caridade. Numa ordem social bem estruturada, a remuneração do trabalho deveria proporcionar ainda o acesso à propriedade particular de bens móveis e imóveis, quanto possível, a todo operário econômico e honesto”.

Além de citar o arcebispo, para combater o conservador e temido vigário que defendia o candidato à Presidência da República apoiado por Getúlio Vargas, José Gonçalves finaliza a carta com palavras do Papa Leão XIII, tido como reformador: “quero lembrar o pensamento do Santo Padre, o Papa Leão XIII, na encíclica ‘Sapientiae Christianae’ a quem V. Rvv. deve obediência: ‘QUERER EMPENHAR A IGREJA NAS LUTAS DE PARTIDO É PRETENDER SERVIR-SE DE SEU APOIO PARA TRIUNFAR COM MAIS FACILIDADE SOBRE OS ADVERSÁRIOS, É ABUSAR INDISCRETAMENTE DA RELIGIÃO’”.

Dessa forma, José Gonçalves, ao registrar o seu testemunho sobre um importante momento de nossa história, o deixa como legado para as gerações futuras. Ao mesmo tempo, revela o seu pensamento político intrinsecamente revestido dos ideais da esquerda cristã que só viria a se constituir quase três décadas depois, na teologia da libertação. Como sabemos, tal teologia tem exatamente na encíclica citada pelo autor, uma das fontes que viriam inspirar esse movimento no âmbito da igreja.

Assim, as cartas de José Gonçalves, apesar de serem um documento de cunho pessoal e uma forma de testemunho do cotidiano vivido por ele, constituem-se em reserva de força e de conhecimento na apreensão do momento histórico e cultural como contributo eficaz ao entendimento de sua obra e das inquietações intelectuais referentes ao contexto vivido pelo autor. Desse modo, é válida a assertiva de Angelides (2001, p. 14): “[...] as cartas de um escritor podem ser objeto de fruição estética, embora de caráter bastante peculiar, em que o literário e o extraliterário se alternam”. Trata-se de uma experiência da realidade íntima e coletiva que funciona como um importante instrumento de elucidação da obra realizada. Pensada assim, confere-se à carta uma natureza de documento e de ficção, porque feita de confiança e reflexões, de realidade e invenção artística.

Conforme Luiz Felipe Baeta Neves (1988), no artigo “Para uma teoria da carta: notas de pesquisa”, constante no livro *As máscaras da totalidade totalitária*, a carta

comporta a ambivalência, ao ser “a exterioridade de uma interioridade”, tomada, assim, como “exibição de uma invisibilidade”, o que faz do gênero uma “forma de tornar público o privado, de lançar, na sociedade, o indivíduo”. Em sua natureza ambivalente, ela se lança para além da forma tradicional de comunicação, pois “pode comunicar uma falta, uma distância. Em princípio, o destinatário não está presente; a carta é, assim, a reiteração de um afastamento”. Nesse sentido, a carta não se restringe a um terreno de cunho exclusivamente pessoal, porque pressupõe o contato ou o encontro com o outro ausente para quem ela se destina, e nisso reside o seu teor social, já que comporta, de uma só vez, o eu, a matéria anunciada e um interlocutor, convertendo a *escrita de si* num estatuto efetivo de encontros e intersubjetividade. Tem, portanto, “uma geografia múltipla” (Neves, 1988) e o que era, a princípio, um instrumento de linguagem marcado pelo tom subjetivo, ganha uma dicção com alcance social – a de pensar a vida em conjunto.

Tomada, pois, como “espaço autobiográfico”, para usarmos uma expressão de Lejeune (2008), as cartas analisadas compreendem a psicologia do autor biografado – José Gonçalves – e o seu entorno. É que ao gênero estudado são incorporados dados referenciais, memórias, confidências, perplexidades, visão de mundo, reflexões sobre arte e cultura, a política e a história, o que faz da *escrita de si* um universo de linguagem intersubjetiva, de interações dialógicas.

## Referências

ALVES, Antonio de Brito. *Diário de Natal*, 13 de jul., 1952.

ANGELIDES, Sophia. *Carta e literatura*. Correspondência entre Tchékhev e Górkí. São Paulo: EDUSP, 2001.

APONTAMENTOS inéditos recolhidos nos papéis de José Gonçalves de Medeiros. *Diário de Pernambuco*. Recife, 13 de jul., 1952.

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Correspondência*. A Carolina. *Obra completa*. 4 v. Organização: Aluizio Leite, Ana Lima Cecílio, Heloisa Jahn. 2 ed. v. 3; Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008, p. 1348-1349. (Biblioteca Luso-Brasileira. Série Brasileira).

BENTO, Antônio. *Poesia, ponteios, toadas, cordel*. Léo Christiano [Org.]. Rio de Janeiro: EDUS, 1993.

BEZERRA, Paulo. Notícias de Zé Gonçalves. In:\_\_\_\_\_. *Cartas dos sertões do Seridó*. Rio de Janeiro: Lidador, 2000. p. 29-35.

CARDOSO, Rejane. *400 nomes de Natal*. Natal: Prefeitura Municipal do Natal, 2000.

CASCUDO, Luís da Câmara. José Gonçalves no Ateneu. *Diário de Natal*, 13 de jul., 1952.

CASTRO, Nei Leandro de. José Gonçalves Pires de Medeiros. In:\_\_\_\_\_. *Contistas norte-rio-grandenses: antologia*. Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 1966. p. 51-59.

CORRESPONDÊNCIA de José Gonçalves de Medeiros: cartas ao seu amigo Mauro Mota. *Diário de Pernambuco*, Recife, 13 de jul., 1952.

CORRESPONDÊNCIA de José Gonçalves de Medeiros: cartas ao seu amigo Tales Ramalho. *Diário de Pernambuco*, Recife, 13 de jul., 1952.

DUARTE, Constância Lima; MACÊDO, Diva Maria Cunha Pereira de. José Gonçalves de Medeiros. In:\_\_\_\_\_. *Literatura do Rio Grande do Norte: antologia*. 2 ed. rev. e aum. Natal: Fundação José Augusto, 2001. p. 353-357.

ESPANCA, Florbela. *Sempre tua: correspondência amorosa – 1920-1925*. Apresentação, organização, fixação de texto e notas Maria Lúcia Dal Farra. São Paulo: Iluminuras, 2012.

GALVÃO, Hélio. *Dix-Sept Rosado*. Natal: Clima, 1982.

GUEIROS, José Alberto. A nova distância. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro. [s.e. / s.d.].

JOSÉ Gonçalves de Medeiros. *Diário de Natal*. Natal, 30 de dez., 1995. Diário Ilustrado.

KLINGER, Diana Irene. *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Organização Jovita Maria Gerheim Noronha. Trad. Jovita Maria Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Ed UFMG, 2008.

MEDEIROS, José Gonçalves de. A imagem viva do amigo morto. *Diário de Pernambuco*. Recife, 13 de jul., 1952.

\_\_\_\_\_. *Castro Alves: amor e revolução*. Natal: Livraria Cosmopolita Ltda., 1950.

\_\_\_\_\_. *Correspondência*. Organização, introdução e notas José Wilson P. de Azevedo. Natal, 2012. (digitado). 79 p.

\_\_\_\_\_. Entrevista. *Jornal do Commercio*, Recife, 04 de set., de 1949. In: PINTO, Lenine (Org.). *A coleção José Gonçalves*. Natal: Sebo Vermelho, 2002, p. 87-91.

\_\_\_\_\_. Menino em dezembro. *Diário de Natal*. Natal, 13 de jul., 1952.

\_\_\_\_\_. Menino em dezembro. *Diário de Natal*. Natal, 30 de dez., 1995. Diário Ilustrado.

\_\_\_\_\_. Menino em dezembro. *Diário de Pernambuco*. Recife, 1951.

\_\_\_\_\_. Menino em dezembro. *Diário de Pernambuco*. Recife, janeiro de 1949.

\_\_\_\_\_. Menino em dezembro. In: CASTRO, Nei Leandro de. *Contistas norte-rio-grandenses: antologia*. Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 1966. p. 51-59.

\_\_\_\_\_. Menino em dezembro. In: PINTO, Lenine (Org.). *A coleção José Gonçalves*. Natal: Sebo Vermelho, 2002, p. 80-85.

\_\_\_\_\_. Nota de caderno II [sobre literatura]. *O Poti*. Natal, 20 de out., 1991.

**AZEVEDO, J. W. P.; SANTOS, D. Perfil na penumbra: a imagem de José...**

\_\_\_\_\_. Nota de caderno: Um ensaio kafkiano. In: PINTO, Lenine (Org.). *A coleção José Gonçalves*. Natal: Sebo Vermelho Edições, 2002, p. 57-61.

\_\_\_\_\_. Paisagem humana. In: URURAHY, João. (Org.). *José Gonçalves: homenagem*. Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 1965.

\_\_\_\_\_. Rua de Santa Eulália. *Diário de Pernambuco*. Recife, 24 de jun., 1950.

MELO, Manoel Rodrigues de. *Dicionário da imprensa no Rio Grande do Norte (1909-1987)*. Natal: Fundação José Augusto; São Paulo: Cortez, 1987.

MORAES, Marcos Antonio de (Org.). *Câmara Cascudo e Mário de Andrade: cartas 1924-1944*. Pesquisa documental, iconográfica, estabelecimento de texto e notas de Marcos Antonio de Moraes. São Paulo: Global, 2010.

\_\_\_\_\_. Epistolografia e crítica genética. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 59, n. 1, p. 30-32, jan./mar. 2007. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v59n1/a15v59n1.pdf>. (Acesso em: 27 de jul. 2013).

MOTA, Mauro. *Elegias*. Prefácio Álvaro Lins. Rio [de Janeiro]: Jornal de Letras, 1952.

NEVES, Luiz Felipe Baeta. Para uma teoria da carta: notas de pesquisa, constante no livro *As máscaras da totalidade totalitária*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.

PINTO, Lenine (Org.). *A coleção José Gonçalves*. Natal: Sebo Vermelho, 2002.

REVISTA *Bando*. Natal: Ano VI, vol. IV. Nº 7, jan, 1955.

ROUANET, Sergio Paulo. Apresentação. In: ASSIS, Machado de. *Correspondência de Machado de Assis, tomo 1: 1860-1869*. Apresentação, coordenação e orientação de Sergio Paulo Rouane; organização, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2008, p. XIV. (Coleção Afrânio Peixoto, 84).

URURAHY, João. (Org.). *José Gonçalves: homenagem*. Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 1965.

VAN GOGH, Vincent. *Cartas a Théo*. Tradução de Pierre Ruprecht. Porto Alegre: L&PM, 2002.

VEIGA, Glaucio. Caminhos de José Gonçalves. *Diário de Natal*, Natal, 13 de jul., 1952.

WANDERLEY, Rômulo C. José Gonçalves de Medeiros. In:\_\_\_\_\_. *Panorama da poesia norte-rio-grandense*. Rio de Janeiro: Edições do Val, 1965, p. 54-55